

Actas del
IX Congreso Internacional
de la Asociación Hispánica
de Literatura Medieval

(A Coruña, 18-22 de septiembre de 2001)

III

Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica
de Literatura Medieval, 2005.

© Carmen Parrilla
© Mercedes Pampín
© Toxosoutos, S.L.

Primera edición, septiembre 2005

© Toxosoutos, S.L.
Chan de Maroñas, 2
Obre - 15217 Noia (A Coruña)
Tfno.: 981 823855
Fax.: 981 821690
Correo electrónico: editorial@toxosoutos.com
Local en la red: www.toxosoutos.com

I.S.B.N. obra conjunta: 84-96259-72-2
I.S.B.N. volumen: 84-96259-75-7
Depósito legal: C-2072-2005

Impreso por Gráficas Sementeira, S.A. - Noia
Reservados todos los derechos

Pero López de Ayala, crónicas e autojustificação: uma abordagem literário-psicológica (estudo preliminar)

João M. Sant’Ana de Matos

Sobre Pero López de Ayala e as suas crónicas, escreve Alan Deyermond:

Escritas al final de su vida, [*as crónicas*] tienen como propósito, más que hacer un riguroso relato de los hechos, justificar su carrera política, y de un modo especial su cambio de bando durante la guerra de los Trastámara¹.

Ora conjugar “rigor” –exterior, impessoal– com “justificação” –interior, pessoal– é quase conciliar o inconciliável, e um texto, por muito trabalhado e burilado que seja, certamente deixará transparecer, aqui e ali, essa quase impossibilidade. As crónicas de Ayala apresentarão, por isso, não só o relato mais ou menos vívido de acontecimentos em boa parte vividos como, e paralelamente, a manipulação de alguns desses eventos, ora através do uso de determinadas palavras, ora da sugestão de certas práticas, ora da omissão de umas acções ou da ampliação de outras. E é através deste jogo onde se atenua o lado menos positivo de um, Enrique de Trastámara, e se potencia o lado mais negativo do outro, Pedro I de Castela, que Pero López de Ayala subtilmente justifica a sua “traição”.

Alguns exemplos, de entre os muitos passíveis de considerar.

¹ Alan Deyermond, “Prosa y actividad intelectual en el otoño de la Edad Media”, em *Historia y Crítica de la Literatura Española, I: Edad Media*, dir. por Francisco Rico, Editorial Crítica, Barcelona, 1980, p. 391.

José Luis Moure, em artigo dos anos oitenta,² prova que as cartas do mouro Benahatin³ são verdadeiras. Contudo, nas suas palavras, isso só mostra que “el Canciller Ayala no falsificó ni inventó las dos piezas de la presente correspondencia de Benalhatib al rey don Pedro”,⁴ e não que “moviéndonos ya en el terreno de las hipótesis, quizá debemos considerar que las misivas de Ibn al-Jatib [*possível, mas não comprovado, autor*] fueron fraguadas como elemento de propaganda trastaramista, probablemente muy poco después del asesinato de Pedro; se adjudicaba así a la pluma de un conocido y respetado intelectual granadino cuya relación con el rey de Castilla no era desconocida, la reconvencción por las malas acciones del monarca, premonitoria del trágico desenlace que la profecía de Merlín óun recurso político frecuente sustraía a la responsabilidad de Enrique”.⁵ Pero López de Ayala, com a transcrição dessas cartas, poderá ter pretendido, e obtido, vários resultados: ao transmitirem a imagem de um rei, D. Pedro, condicionando a sua acção às palavras de um “astrólogo”, mostra-se ser ele uma pessoa supersticiosa⁶ e, por isso, não

² José Luis Moure, “Sobre la autenticidad de las cartas de Benahatin en la *crónica* de Pero López de Ayala: consideración filológica de un manuscrito inédito”, *Incipit*, 3 (1983).

³ Crónica del rey don Pedro, ano 1367, cap. XXII (*DP-1367-XXII*) e *DP-1369-III*. Utilizamos a edição: Pero López de Ayala, *Crónica del rey don Pedro y del rey don Enrique, su hermano, hijos del rey don Alfonso Onceno*, ed. crítica y notas de Germán Orduna; estudio preliminar de Germán Orduna y José Luis Moure, SECRET, Buenos Aires, 1994 e 1997, 2 vols.

⁴ José Luis Moure, *op. cit.*, p. 80.

⁵ *Idem*, pp. 79-80.

⁶ Aliás faceta várias vezes apontada, como, entre outros, nos episódios do encontro com um escudeiro chorando que leva o rei a mudar de decisão: “E el rey ouolo por fuerte sennal, por quanto ouiera en encuentro aquel escudero que fazia lianto, e non quiso yr a Najara, e tornosse para su real” (*DP-1360-X*). Ou em *DP-1361-III*, capítulo com marcas visionárias e proféticas onde Ayala glosa o “Romance de los augurios del rey don Pedro”. Este capítulo surge imediatamente após a morte de D. Branca. O mesmo acontece com o capítulo onde se descreve a profecia de um clérigo de Santo Domingo, que acaba por morrer na fogueira por ordem de D. Pedro (*DP-1360-IX*: “*De algunas cosas que vn clerigo de Santo Domingo dixo al rey don Pedro*”). Este capítulo não passará de uma mistificação, como se infere das marcas lendárias *sonho, visão, profecia*. Não será de excluir, inclusivamente, que ele fizesse parte de uma balada, de uma “piece of propaganda” trastâmara, para usarmos as palavras de Peter Edward Russel (*The English Intervention in Spain and Portugal in the time of Edward III and Richard II*, At the Clarendon Press, Oxford, 1955 p. 93), provavelmente com base em W. J. Entwistle, *European balladry*.

ser digna do lugar que ocupa; ao fazerem D. Pedro dependente das opiniões de um mouro, sugere-se alianças com os inimigos da fé cristã e que são esses inimigos da fé cristã quem governa o reino; ao justificarem e predizerem a morte de D. Pedro, indicia-se uma certa inevitabilidade dos acontecimentos (acontecesse o que acontecesse, agisse D. Pedro como agisse, na luta entre o Bem e o Mal que de certo modo ambos os irmãos representavam, D. Enrique sairia sempre vencedor pois, como representante do Bem, estava protegido pelo transcendente/divino); em suma, essas cartas reforçam com um pouco mais de negro o retrato de D. Pedro pintado ao longo das páginas da Crónica.⁷

Um caso que se pode considerar um bom exemplo do “afremosentar” das acções de Enrique é a descrição dos momentos finais de Pedro I.

No episódio que culmina com a morte do rei de Castela às mãos do irmão (*DP-1369-VIII*), Ayala é sempre afirmativo e inequívoco até um determinado ponto dos acontecimentos. Não transparece do texto, na fase de aproximação ao local do crime, qualquer dúvida ou não certeza daquilo que se diz. Inclusivamente, a resposta a uma observação de Pedro é introduzida por uma frase que não transpira qualquer ambiguidade: “e vno de los que estauan con mossen Beltran trauro del e dixole: –Esperad vn poco”. Estamos perante um narrador onnipresente, sabedor com exactidão daquilo que ocorre, inclusivamente na cabeça de Pedro (“e penso que el fecho yua a mal”).

No entanto, a partir do momento que chega D. Enrique, esse registo assertivo desaparece por um momento e dá lugar a outro

⁷ Sobre estas cartas, comenta W. J. Entwistle: “But Merlin [rises] on two occasions—in López de Ayala and in Cervantes— into literature. The former invented a vaticination which was all too applicable to the misfortunes of Pedro the Cruel. The text of the Moor Benihatin’s riddle precedes the inevitable catastrophe of the tyrant, and the sevenfold exegesis reads as his knell. This passage, in which the chronicler’s hate pursues his master—benefactor, perchance— through Death to the Judgment, is elaborated wrought and fashioned into a climax for the whole history; the almost painful sobriety of the general narrative is here only relaxed for a torrent of blistering damnation...”, em *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula*, Reprint of the 1925 ed., Phaeton Press, New York, 1975^[1925], p. 45.

onde campeia a ambiguidade. O narrador deixa de ser omnipresente, ou sequer presente no local, deixa de ser responsável pelo narrado escudando-se por detrás de um “e dizen”:

E assi como lle go el rey don Enrrique, trauo del rey don Pedro, e non lo conosçio, ca auia grand tienpo que non lo auia visto, *e dizen que* le dixo vn cauallero de los de mossen Beltran: -Catad que este es vuestro enemigo. E el rey don Enrrique avn dubdaua si era el, *e dizen que* dixo el rey don Pedro. -Yo so. Yo so. E estonçes el rey don Enrrique conosçio, e firiolo con vna daga por la cara, *e dizen que* amos a dos, el rey don Pedro e el rey don Enrrique, cayeron en tierra. E el rey don Enrrique lo firio, estando en tierra, de otras feridas. E alli morio el rey don Pedro.⁸

O que transparece desta cena final é a atitude corajosa de Enrique, a sua rapidez de acção sem, contudo, ser precipitada. É o retrato de um homem forte, corajoso, decidido, mas não impulsivo.

Outras narrativas, mais ou menos coetâneas, apresentam um desenvolvimento diferente dos acontecimentos na tenda de Beltran de Claquim.

Numa contemporânea e anónima “Abreviación de un Autor Catalan de las cosas de los Reyes de Aragon” lê-se o seguinte:

Oliver de Manny guió al Rey Don Pedro á la tienda del Beltran, y que quando el Rey vió, que pasadas las barreras, le llevaban por aquel camino, se tuvo por muerto; que luego fué el Rey á la tienda de Beltran de Claquin, en la qual entró ál instante el Rey Don Enrique; y en viendole se abrazó con él con una daga en la mano, y cayeron los dos; y al trastornar, el rey Don Enrique yacia debaxo, y hubierale quitado la vida el Rey Don Pedro, si hubiese tenido arma con que podello executar. Entonces el Vizconde de Rocaberti dió un golpe de la daga al Rey Don Pedro, y le trastornó de la otra parte, y el Rey Don Enrique estuvo sobre él, y le mató, y le cortó la cabeza con sus manos e echaronla en la calle, y pusieron el cuerpo en el castillo entre dos tablas sobre las almenas.⁹

⁸ Os itálicos são da nossa responsabilidade.

⁹ Pero López de Ayala, *Crónica del Rey Don Pedro por Don Pedro López de Ayala, Canciller Mayor de Castilla com las enmiendas del Secretario Gerónimo Zurita y las correcciones y notas anadidas por Don Eugenio de Llaguno y Amitrola, Caballero de la Orden de Santiago, de la Real Academia de la Historia*, em *Crónicas de los Reyes de Castilla desde Alfonso el Sabio hasta los Católicos Don Fernando y Doña Isabel*, I, colección ordenada por Don Cayetano Rosell, Ediciones Atlas, Biblioteca de Autores Españoles, Madrid, 1953, p. 592b, nota.

Por seu turno, o cronista francês Jean Froissart (1333-1410), contemporâneo dos acontecimentos, apresenta uma descrição bastante próxima da aragonesa:

Il n'eut point là ètè une heure, quand le roi Henry et le vicomte de Roquebertin et leurs gens, non pas grand'foison, virent au logis dessus dit. Sitôt que le roi Henry entra en la chambre où son frère le roi Dam Piètre étoit, il dit ainsi par tel langage: ìOù est ce fils de putain, juif, qui se appelle roi de Castille? Adonc s'avança le roi Dam Piètre qui fut moult hardi et cruel homme et dit: ìMais tu es fils de putain, car je suis fils du bon roi Alphonse.» Et à ces mots il prit à bras le roi Henry son frère, et le tira à lui, en luttant, et fut plus fort que lui, et l'abattit dessous lui sous une ambarde, que on dit en Français, une coute de matelas de soie, et mit main à sa coustille, et l'eût là occis sans remède, si n'eût été le vicomte de Roquebertin qui prit le pied du roi Dam Piètre et le renversa par dessous lui et mit le roi Henry dessus; lequel trait (tira) tantôt une coustille longue de Castille, que il portoit en écharpe, et lui embarra au corps tout en affilant, dessous en amont, et tantôt saillirent ses gens qui lui aidèrent à partuer.¹⁰

Fernão Lopes apresenta duas versões, a de Ayala e outra também próxima da aragonesa e da de Froissart:

Outros afirmam, escrevendo em seus livros, que el-rrei dom Pedro, quando sse vio em poder de seu irmão, e como era traído d'aquella guisa, que sse lançou a ell rrijamente dizendo: “Oo treedor, aqui estas tu?”: e como homem de gram coração quisera-lhe dar com hũa daga que lhe já tomada tiinham: e quando a nom achou, que sse enviou a ell a braços e deu com ell em terra; e que estonce Fernam Sanchez de Thoar, que era hũu dos cavalleiros que el-rrei dom Henrique consigo levava, tirou el-rrei dom Pedro de cima, e voltou el-rrei dom Henrique sobre elle, e que d'esta guisa foi morto; em outra maneira, sse os leixarom ambos, cree-sse todavia que el-rrei dom Pedro matara seu irmão.¹¹

¹⁰ Jean Froissart, *Les Chroniques*, IV, Livre 1^o, cap. DLXX, ìComment le roi Dam Piètre fut pris du Bègue de Villaines; et comment il fut mis à mortì, (*CollectiOn Des chroniques nationales françaises, écrites en langue vulgaire Du Treizième au seizième siècle*; avec notes et éclaircissements, par J. A. Buchon), (Verdière, Libraire, Quai des Augustins, núm. 25, J. Carrez, Rue Haute Feuille, núm. 18), París, 1824, p. 462.

¹¹ Segue-se o comentário irónico de Lopes: “Hora nós, concordando o desvairado rrazoar d'estes e d'outros autores, dizemos per esta maneira: a queda seja d'ambos, e el-rrei dom Pedro avudo por boom e ardido cavalleiro, que em tall tempo nom perdeo coração e

Estas versões não são nada lisonjeiras para Enrique II. Nelas, ele é fraco, insultuoso, violento e mais cruel que o irmão que assim apelidaram, pois faz com as suas próprias mãos aquilo que o outro nunca fez com quem quer que fosse, isto é, cortar cabeças com as suas mãos. E, provindo de fontes distintas, elas serão as mais próximas da realidade. Aliás isso se pode inferir do próprio Ayala que achou por bem colocar a descrição do núcleo central numa zona obscura, algo cinzenta, que o anonimato lhe confere e o indefinido “dizen” acentua. Note-se, também, que Ayala omite tudo o que acontece entre o momento em que os irmãos caem em terra e o momento em que Enrique fere e mata Pedro.

Ao apresentar uma versão amputada de elementos importantes e nada favoráveis a Enrique, Ayala faz aquilo de que o acusam, que é, não deturpando claramente os factos, ou seja, não mentindo, modificá-los subtilmente de modo a que, consoante o seu interesse, seja enegrecida ou embelezada a imagem de um ou de outro personagem.

Uma outra perspectiva de abordagem é a que resulta da análise muito fina das palavras usadas. Algo próximo de uma prática usada em Psicologia chamada Análise de Conteúdo, que pretende descortinar o estado psicológico de indivíduos, através do discurso por eles produzido.¹² É uma prática, como todas as outras, com defensores e detractores, estes sobretudo na área das letras. De qualquer modo, somos da opinião que ela é passível de ser levada a bom porto e contribuir com dados novos para a compreensão e conhecimento da personalidade de Ayala.

esforço; mas ell sem nêhũa ajuda, e el-rrei dom Henrique com muitos, matou-ho per sa mão, e assi acabou sua trabalhosa vida”, em *Crónica de D. Fernando*, ed. crítica por Giuliano Macchi, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1975, cap. XXIII.

¹² “Por exemplo, a análise de um monólogo de um paciente num tratamento psicanalítico, remete para os seus sintomas neuróticos e para a sua evolução [...], visando uma melhor adaptação deste ao mundo, etc. A análise dos textos poéticos de Baudelaire, informa o leitor que procura penetrar no seu universo pessoal, acerca dos seus desejos e das suas angústias, da sua vida e dos seus tormentos... A análise do discurso político fornece dados sobre o orador, etc.”, em Laurence Bardin, *Análise de Conteúdo*, Edições 70, Lisboa, 1994, p. 134.

Nesse sentido tencionamos encaminhar as próximas investigações. O que a seguir apresentamos, incipiente e primário porque baseado em dados marginais e incompletos, é o possível dentro de condicionalismos vários,¹³ entre os quais o tempo e o espaço não são despreciados.

A crítica, em geral, adverte para o discurso redundante, repetitivo de Pero López de Ayala.

Também diz que tal aspecto deriva da oralidade do texto, ou seja, essa repetição relaciona-se com as situações de leitura oral, pois nelas o ouvinte não tem possibilidades de voltar atrás no texto para recordar qualquer aspecto óe como esse ouvinte necessita de ter a sua memória reavivada, pois só assim poderá acompanhar o desenrolar da narrativa, a estratégia, a solução, é repetir a informação sempre que se pretende continuar um episódio. As razões normalmente aduzidas são correctas, mas elas, só por si, não me parece serem suficientes. É verdade que um qualquer leitor silencioso tem a possibilidade de viajar ao passado, isto é, folhear o livro para trás o necessário para se resituar na narrativa, e um auditor ouvinte não pode fazê-lo. Mas esse leitor, sendo um leitor público, pode e deve fazê-lo, sempre que necessário. Por isso, não só mas também, em muitos autores ocorrem remissões, frases do tipo “como dissemos no princípio de...”, ou “como já ouvistes quando falámos de...”, utilizadas por Fernão Lopes, ou “que avedes oído” e “que avemos dicho”, que nos aparecem em López de Ayala. O cronista português, constata-se pela simples leitura, não tem um discurso tão repetitivo quanto o seu antecessor. Poderá por isso inferir-se que as repetições que o discurso de Ayala apresenta têm a ver com o seu próprio estilo? Uma parte significativa, sim; a outra, pensamos que terá a ver com questões ideológicas.

Creemos que a Análise de Conteúdo pode ajudar a encontrar uma resposta para a questão anterior. Com esse intuito,

¹³ Estes dados fazem parte de um conjunto mais alargado de dados estatísticos e outros elementos com os quais se estão a estudar as influências de Ayala em Fernão Lopes.

estudámos os resultados de um programa informático que aplicámos ao texto comum entre Ayala e Fernão Lopes. Devemos, no entanto, informar que os objectivos principais dessa aplicação se prendem com o estudo das influências de Ayala em Fernão Lopes e, por esse motivo, o que aqui apresentamos dificilmente poderá ser conclusivo. Por razões que se prendem com esse objectivo primeiro, dividimos o texto comum a Ayala e Lopes em três partes. A primeira parte corresponde ao texto da *Crónica de D. Pedro* e, na *Crónica del rey don Pedro*, ao texto até às cortes de Burgos ordenadas por Enrique II, isto é, até ao capítulo XIX do ano 1366 (*CDP, Ayala1* ou *parte1*).¹⁴ A segunda parte corresponde aos 24 primeiros capítulos da *Crónica de D. Fernando* (*CDF1, Ayala2* ou *parte2*), coincidindo com o que resta da *Crónica del rey don Pedro*. A terceira corresponde ao restante da crónica fernandina (*CDF2, Ayala3* ou *parte3*), onde Lopes usa material colhido na *Crónica del rey don Enrique* e na *del rey don Juan*.

Os resultados absolutos são os seguintes, envolvendo todo o *corpus* e sem a tripartição indicada.

Valores totais do corpus

	<i>Fernão Lopes</i>	<i>P. L. Ayala</i>
<i>Número de ocorrências:</i>	34825	69872
<i>Número de formas</i>	3454	4474
<i>Frequência máxima:</i>	2678	5495
<i>Número de hapax:</i> ¹⁵	1744	2128

Numa perspectiva de análise estilística, este quadro, apesar de valores globais (ou talvez por isso), indicia aquilo que numa leitura se sente, que o texto de Ayala é mais repetitivo, logo redun-

¹⁴ O programa chama a cada fatia resultante da divisão “partie”. Nós, para além do termo literal, “parte”, poderemos também chamar-lhes “sectores” ou “secções” para evitar o uso excessivo do mesmo termo.

¹⁵ *Número de ocorrências*: total de palavras do *corpus* analisado; *número de formas*: quantidade total de palavras diferentes; *frequência máxima*: palavra mais repetida; *hapax*: palavra que só ocorre uma vez.

dante, e pesado que o de Fernão Lopes. Mas vejamos estes valores sob uma perspectiva relacional e percentual:

Valores relativos globais

	<i>Fernão Lopes</i>	<i>P. L. Ayala</i>
<i>Núm. de hapax em relação com as ocorrências:</i>	5,01%	3,05%
<i>Núm. de hapax em relação com as formas:</i>	50,49%	47,56%
<i>Núm. de formas em relação com as ocorrências</i>	9,92%	6,40%
<i>Idem (sem hapax):</i>	5,17%	3,46%

A maior quantidade percentual de *hapax* é indício de maior variedade lexical, logo de um discurso menos repetitivo e mais rico, estilisticamente falando.

Vejamos, entretanto, a distribuição, por partes, dos valores absolutos:

	<i>CDP</i>	<i>Ayala1</i>	<i>CDF1</i>	<i>Ayala2</i>	<i>CDF2</i>	<i>Ayala3</i>
<i>Núm. ocorrências</i>	14523	34907	12744	21319	7558	13646
<i>Núm. formas</i>	2091	3024	1944	2245	1391	1638
<i>Freq. max.</i>	1192	2823	942	1690	544	982
<i>Hapax</i>	1113	1488	1048	1112	743	822

Verifica-se que, tanto nas crónicas castelhanas como nas portuguesas, a palavra mais utilizada por ambos os cronistas (a copulativa “e”) se reduz progressivamente da *parte1* para a 3, o que indicia alguma semelhança de procedimento.

Porém, se se forem buscar outras quantidades, como os “segmentos repetidos”, isto é, conjuntos de duas ou mais palavras que ocorrem duas ou mais vezes ao longo do texto (por exemplo a expressão “dixo que le plazia” ocorre oito vezes no total, duas em *Ayala1*, cinco em *Ayala2* e uma em *Ayala3*), constatamos que o número de ocorrências em Ayala é mais do dobro do de Lopes: 12650 segmentos repetidos em Ayala e 5216 em Lopes (40,5%). E, dentro desta contagem, olhando para aqueles que o programa estatístico sumaria por estarem fora dos valores médios (banais), verificamos que, por sector, existe o seguinte número de casos estatisticamente pertinentes, positivos e negativos:

	<i>Ayala1</i>	<i>CDP</i>	<i>Ayala2</i>	<i>CDF1</i>	<i>Ayala3</i>	<i>CDF2</i>
<i>Form. +</i>	106	109	102	131	82	140
<i>Form. -</i>	103	84	135	102	93	52
<i>seg. +</i>	505	162	757	228	959	392
<i>seg. -</i>	507	106	350	108	133	29

Verifica-se que, ao nível da pertinência estatística, os números *form. +* de Lopes são superiores ao de Ayala, e o contrário com todos os restantes. Esta sobreutilização de Lopes poderá estar relacionada com a maior quantidade de *hapax* por si usada, como atrás vimos. Também se constata um *crescendo* nos valores positivos de Lopes e o inverso em Ayala, indiciando a ocorrência de casos em *CDF2* que não aparecem em *CDP* (situação normal se pensarmos que na última parte os acontecimentos já envolvem Portugal e, naturalmente, implicam novo léxico). Igualmente se detecta que os valores positivos são, em Lopes, sempre superiores aos negativos, o que parece denunciar a existência de informação nova ou única (ou estar ela ali concentrada). Singular é, em *CDF2*, a diferença entre *seg.+* e *seg.-*, bem como, mas em menor grau, os resultados de *form.+* e *form.-*. Este aumento de sobreutilização está, ao que tudo indica, relacionada com a transferência de lugar de acção de Castela para Portugal.

Quanto a *segmentos*, é bem evidente a diferença entre os números de Lopes e os de Ayala, bastante mais altos estes, aspecto que, quanto a nós, mais não faz que confirmar a sensação de discurso do Canciller ser repetido, redundante, cansativo. Alguns exemplos de *segmentos*:

Núm. de orden	Expressão	Total de ocorrências	Ocorrências			
			1	2	3	
681	é Caballeros	48	18	20	10	b
1777	e cavalleiros	8	6	1	1	b
723	é Escuderos	30	14	14+E02	2-E02	
1911	e escudeiros	7	3	3	1	b
1211	é el Rey	271	140	69-E02	62	
1895	e elRrei	92	44	26	22	b
2770	que alli eran	21	10	8	3	b

Núm. de orden	Expressão	Total de ocorrências	Ocorrências			
			1	2	3	
2296	que alli eram	3	1	2	0	b
3337	que le placia	21	7	11+E02	3	
2495	que lhe prazia	15	7	5	3	b
3415	que non podia	8	3	1	4	b
2529	que nom podia	4	2	2	0	b
8388	Caballeros é Escud>29		13	14+E02	2	
5493	cavalleiros e escu>	7	3	3	1	b

Uma perspectiva diferente será aquela que advém da análise da palavra. Infelizmente não é possível, aqui, analisar cada uma das 4474 palavras (*formas*) com que Ayala constrói o seu texto ou cada uma das 69872 palavras (*ocorrências*) que o compõem (ou as 3454 *formas* e 34825 *ocorrências* do texto de Lopes). O mesmo poderemos dizer em relação aos casos de oposição, aqueles em que o programa detectou sobre e subtilização, pois a quantidade, rondando os mil casos, impede-o neste momento e neste lugar. Observem-se, no entanto, algumas palavras:

	1	2	3		1	2	3
44 Rreino	b	b	b	102 França	-	b	+
39 Regno	b	-	+	85 França	-	+	b
33 Castella	b	-	+	96 cavalleiros	b	b	b
25 Castilla	+	-	+	48 caballeros	b	+	-

Em termos globais, verifica-se que, nos quatro conjuntos, três apresentam igualdade de utilização na secção 1, um na secção 2 e um na secção 3. Significando a igualdade de utilização proximidade de processamento, e a diferença, afastamento, dir-se-ia que *Lopes2* e *Lopes3* estão mais afastados de *Ayala2* e *Ayala3* que *Lopes1* está do respectivo *Ayala1*. Porém, a quantidade, ínfima, não é suficientemente representativa para, com base nela, tecer qualquer tipo de comentário generalista ou conclusivo. Nem, sequer, para colocar hipóteses com um mínimo de credibilidade, pois só a verificação de todos os casos permitirá concluir, com mais segurança, alguma coisa a este respeito.

Já em relação à palavra, cremos ser possível expender algumas reflexões sobre a utilização que cada cronista dela faz, não nos esquecendo que há terminologia mais própria de umas actividades que de outras e que isso se reflecte nos textos.

Se olharmos para a palavra em si, para a sua carga de significados explícitos e implícitos, verificamos, por exemplo, que “reino” é, em Lopes, uma palavra neutra. Em face desse resultado banal pode afirmar-se que a sua utilização por Lopes reflecte equilíbrio e imparcialidade. Em Ayala, contudo, a situação é diferente. Os seus resultados são média (banal), subutilização e sobreutilização, pela sequência respectiva de secções. Haverá algo subjacente, ou subliminar, ao uso maior ou menor desta palavra e, é bom não esquecer, conceito? Na secção 3 fala-se predominantemente das acções militares relacionadas com o direito ao trono de Castela. Mais que o rei que ocupa o trono, é o reino que está em causa. Logicamente o reino está, ou pode estar, em perigo e, conseqüentemente, a palavra e o conceito estão na ponta da caneta. Na primeira secção, fala-se das actividades de Pedro I, enquanto rei inquestionável, ou quase, na qual a guerra contra Aragão tem um peso importante, mas nunca está ou esteve em causa a segurança do reino. A secção intermédia debruça-se essencialmente sobre a guerra entre Pedro I e Enrique de Trastâmara. Guerra civil, guerra sobretudo da nobreza contra o rei, tentando através dela manter as regalias e prebendas que o incipiente centralismo real estava a pôr em causa. Guerra onde, passe o exagero das palavras, quem está em causa é o nobre, não é o reino.¹⁶ Talvez por isso, e correlativamente, a palavra “caballero” tenha aqui uma sobreutilização e, inversamente, “Castilla”, sobreutilizada nas secções 1 e 3, tenha aqui um valor negativo, tal como “regno”. “França”, que teve importância fundamental na chegada ao trono de Enrique, tem, neste sector 2, o seu maior peso e no sector onde se fala do casamento de Pedro I com uma

¹⁶ Note-se, a propósito, que a utilização de “guerra” é idêntica nos dois cronistas: sobreutilização, subutilização e neutro.

dama francesa, Branca de Bourbon, é subutilizada. Note-se que, em Lopes, os mesmos termos revelam, como já dissemos, neutralidade, excepto “França” cujo valor positivo na secção 3 poderá estar relacionado com o Cisma, nesse sector tratado.

Sobre estes dados marginais pouco mais há a dizer, de momento. Referiríamos, contudo, que para se fazer uma análise do tipo da acima genericamente apontada e exemplificada, mas mais completa e, portanto, passível da obtenção de resultados mais firmes, será necessário digitalizar toda a *Crónica del rey don Pedro y del rey don Enrique, su hermano, hijos del rey don Alfonso Onceno*, uniformizar a sua ortografia, diferenciar as palavras homónimas, marcar topónimos e antropónimos, quando iguais, etc., etc., etc. E, também sectorizá-la, aspecto mais complexo do que à primeira vista parece, pois consoante a divisão assim os resultados.

Mais dois casos onde a repetição e a redundância são evidentes.

Após a conjugação binária ou ternária dos nomes D. Enrique, D. Fradique, D. Tello ou D. Sancho, no texto da *Crónica del Rey Don Pedro* que seleccionámos, por 17 vezes se repete, com pequenas variantes, a expressão “sus hermanos”. Desses 17 casos, um parece ter como referência D. Enrique; os restantes 16 são reportados ao rei de Castela, 5 de modo explícito. Esta constante referência aos laços de parentesco poderá reflectir, não exclusivamente:

- ideias de casta e de pertença a um grupo social, assim como pode indiciá-lo a também constante referência, e concomitante repetição, aos cargos e postos ocupados pelos personagens que vão surgindo — no fundo, o que se diz e transmite é que eles são importantes porque são eles os agentes fautores da História, são eles os fazedores das coisas que merecem ser contadas, são eles e só eles quem faz;
- mas também pode induzir no leitor/ouvinte várias coisas, tais como complexos de rejeição ou a diabolização do indivíduo mau, no caso em apreço o rei D. Pedro de Castela, que nem os familiares respeita (e quanto mais chegados esses familiares forem, pior será o mau).

com eles fazer o que bem lhe aprouvesse, incluindo a manipulação, com este discurso macabro e repetitivo certamente instilará, em quem o leia ou escute, a agonia, a raiva, o terror... e o medo e ódio pela figura do rei de Castela, Pedro o Cruel.

E os homens cruéis não são boa companhia.